


AS NOVAS DIREITAS NO BRASIL E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS MÍDIAS SOCIAIS

New Right Wing in Brazil and Political Communications strategies in Social Media


André Silva de OLIVEIRA

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Brasil
bandarraportugal@ig.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8918-2845> 


Breno Rodrigo de Messias LEITE


Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Brasil
breno-rodrigo@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8341-633X> 

RODOLFO SILVA MARQUES

Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul (Ufrgs), Porto Alegre, Brasil
rodolfo.smarques@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5855-0393> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo a discussão da formação de uma nova direita no Brasil, usando o marco cronológico inicial as manifestações contra Dilma Rousseff (PT) em 2015 e como apogeu a ascensão de Jair Bolsonaro (então, no PSL) à Presidência da República, em 2018. A ideia é tratar dos eixos da formação política dos discursos dessa nova direita, analisando algumas estratégias de comunicação política, principalmente nas mídias sociais. O problema de pesquisa está em identificar se tais abordagens comunicativas são eficazes junto ao eleitorado brasileiro. Os métodos escolhidos são a revisão de literatura e a observação dos discursos dos atores políticos relacionados aos eixos teórico e intelectual desses agrupamentos ideológicos, às vezes representados em partidos. As conclusões mostram crescimento dos canais de comunicação da nova direita no Brasil, reforçando a conexão com o eleitor e ampliando esse novo alinhamento político-ideológico no país.

PALAVRAS-CHAVE: Nova direita. Discursos. Comunicação Política.

ABSTRACT

This article has as main objective the discussion of the formation of a new right in Brazil, using the initial chronological mark of the demonstrations against Dilma Rousseff (PT) in 2015 and as the apogee of the rise of Jair Bolsonaro (then, in the PSL) to the Presidency of the Republic, in 2018. The idea is to address the axes of the political formation of the speeches of this new right, analyzing some strategies of political communication, mainly in social media. The research problem is to identify whether such communicative approaches are effective with the Brazilian electorate. The chosen methods are literature review and observation of the speeches of political actors related to the theoretical and intellectual axes of these ideological groups, sometimes represented in parties. The conclusions show an increase in the communication channels of the new right in Brazil, reinforcing the connection with the voter and expanding this new political-ideological alignment in the country.

KEYWORDS: New right; Speeches. Political Communication.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda alguns aspectos referentes à formação de uma nova direita no Brasil. Existem várias pesquisas acadêmicas sobre o assunto, em especial na segunda década no século XXI, ajudando a entender melhor esse movimento e trazendo compreensão sobre vários eixos desse alinhamento ideológico, como as de Codato, Bolognesi e Roeder (2015), Tarouco e Madeira (2013), Chaloub e Perlatto (2016), Babireski (2016), Berlanza (2017); Telles e Storni (2011), Ortellado e Solano (2016); e Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015).

Codato, Bolognesi e Roeder (2015) trazem, de maneira detalhada, o perfil da nova direita brasileira, no contexto das dinâmicas partidária e eleitoral e a emergência do campo conservador. Tarouco e Madeira (2013) discutem, metodologicamente, os funcionamentos e alguns movimentos de partidos da esquerda e da direita no Brasil, a partir de documentos programáticos e de suas respectivas análises de conteúdo.

As ideias, a retórica, os discursos políticos e os processos pragmáticos da nova direita também emergem no debate conceitual (CHALOUB e PERLATTO, 2016). Ao lado disso, Babireski (2016) aborda os posicionamentos políticos do diversos pequenos partidos de direita no país, como o Partido Republicano Progressista (PRP), o Partido Social Cristão (PSC), o Partido Social Liberal (PSL), o Partido Social Democrata Cristão (PSDC) e Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB). Como aspecto adicional, a chapa presidencial vencedor em 2018 teve Jair Bolsonaro (então no PSL), como presidente, e o general Hamilton Mourão, no PRTB).

Telles e Storni (2011), aprofundam o debate sobre os votos dos eleitores da direita e da esquerda, a partir das perspectivas ideológicas e valores unificadores para as escolhas político-eleitorais. Ortellado e Solano (2016) refletem sobre o impacto e a efetividade da nova direita nas ruas, apontando e aprofundando contradições dos grupos envolvidos nos protestos e identificando manifestantes e os que convocaram as ações contra o governo de Dilma Rousseff (PT) em 2015. E Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015) fazem uma radiografia dos protestos no Brasil, alinhados à direita, entre 2007 e 2015, no contexto do retorno desse viés ideológico de maneira mais pujante no século XXI.

Alguns desses conceitos e discussões são resgatados no transcórre desse texto. Usa-se, nessa discussão, como ponto de partida cronológico das manifestações de rua contra Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2015. Nesse mesmo

contexto, traz-se à tona a vitória de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018, ainda filado ao Partido Social Liberal (PSL) e com mais de 57 milhões de votos no segundo turno.

Apresenta-se a seguinte questão norteadora: identificar se as abordagens de comunicação política da nova direita, dentro desse contexto político no Brasil, trazem eficácia junto ao eleitorado nacional. Dentro dessa ideia, busca-se trabalhar a questão discursiva da ascensão da *new right*, entendendo-a como perspectivas coletivas em diferentes tipos de agrupamentos (partidos políticos, espaços de discussão, grupos religiosos, meios de comunicação tradicionais, plataformas digitais, *think tanks*, entre outros).

Em paralelo a esses aspectos, é interessante correlacionar a discussão com o eixo teórico ao buscar na literatura a formação do(s) pensamentos da nova direita brasileira, com os grupos conservadores, liberais, neoliberais, religiosos (evangélicos e católicos) e das forças de segurança pública (MAINWARING, MENEGUELLO e POWER, 2000).

Dentro dessa heterogeneidade – considerando-se que não é possível visualizar a nova direita como algo unificado –, há grupos da nova direita que se assumem como renovadores, outros como autoritários, outra parcela como intervencionista – e mesmo grupos que se manifestam como monarquistas e neonazistas (ROBERTO SPINA, 2021).

Em relação a esses diferentes grupos, há alguns pontos de convergência importantes, principalmente no campo retórico e no privilégio aos valores, como os conceitos de “Deus”, “Pátria” e “Família”, reforçando as variáveis da religiosidade, do patriotismo e do conservadorismo nos costumes.

Há também a necessidade de se perceber o campo dos pensadores da nova direita no contexto da produção intelectual, tanto na tradução de textos quanto na construção de perspectivas no Brasil. Neste sentido, alguns dos principais nomes da literatura internacional são Scruton (2014, 2015, 2017), Kreeft (2017), Nyquist (2017), Dalrymple (2015), Hayek (1990) e Mises (2013), entre tantos outros, que devem ser compreendidos dentro de um contexto mais amplo.

Dentro dos limites dessa pesquisa, a abordagem vai focar na discussão a partir da retórica, dos discursos e da comunicação política da nova direita, em especial a partir da instrumentalização dos protestos contra Dilma Rousseff, em 2015 – culminando com o seu *impeachment* no ano seguinte; com a vitória de Jair Bolsonaro, em 2018; e com a sustentação das ideias da nova direita no governo federal nos anos de 2019 e 2020.

Assim, a estrutura deste artigo tem as seguintes seções: após esse item introdutório, apresentam-se o desenho metodológico, uma linha do tempo, a revisão da literatura com a



discussão conceitual, a correlação do eixo discursivo com as estratégias de comunicação política da nova direita brasileira e as conclusões do trabalho, considerando-se que a pesquisa está em andamento e que este fenômeno político em questão tem suas peculiaridades, gerando a necessidade de uma ampliação permanente do debate.

2 DESENHO METODOLÓGICO

Para dar suporte à discussão desse trabalho, escolhem-se o método da revisão de literatura, com o debate conceitual, e o da observação dos discursos dos atores políticos relacionados aos eixos teórico e intelectual desses agrupamentos ideológicos, no contexto da estratégia da comunicação política. A opção pelo método da revisão de literatura, com a busca da fundamentação teórica, fortalece a compreensão da temática para a observação do tema e do problema de pesquisa apresentado (MARIANO CARVALHO, 2020).

Metodologicamente, a ideia essencial é debater o eixo discursivo dessa nova direita brasileira, analisando alguns processos estratégicos de comunicação política. Compreender o crescimento e a ocupação de espaços de grupos sociais, pensadores liberal-conservadores em geral e da classe política com alinhamento à *new right* é essencial não só para entender o momento histórico vivido no Brasil no início do século XXI, mas também entender quais são as pautas que unem perspectivas, a priori, heterogêneas. A nova direita concentra vários grupos e atores políticos aparentemente distintos, mas resguarda alguns pontos importantes do aspecto ideológico e enquanto fenômeno social.

Vosgerau e Romanowski (2014) enfatizam a necessidade de mapear os campos de estudo de forma metodológica, com a operacionalização conceitual gerada pela revisão da produção literária oferecida sobre quaisquer temas. Para a percepção dos eixos discursivos dos grupos da *new right* ou *alt-right*, usa-se a perspectiva de se expandir a rede de sentidos de cada expressão pública a partir dos diversos canais de comunicação disponíveis (BARDIN, 2016; MAINGUENEAU, 2006).

A observação dos discursos políticos apresenta-se como uma metodologia que mescla aspectos quantitativos e qualitativos (BARDIN, 2016; CHARAUDEAU, 2011; MAINGUENEAU, 2006; ORLANDI, 2010). O caminho se torna adequado dentro da Ciência Política e de outras Ciências Sociais a partir da percepção das intencionalidades e dos recursos retóricos dentro do processo de convencimento dos diferentes públicos (CHARAUDEAU, 2001; ORLANDI).



E, no objeto de análise nesse artigo, acaba sendo importante verificar os discursos no contexto da comunicação política e no fortalecimento da argumentação da nova direita com os seus interlocutores-eleitores. Busca-se, assim, a presença dessas manifestações verbais da nova direita nas redes sociais e nas mídias sociais e também na questão dos *blogs* políticos. Ao mesmo tempo, identificam-se alguns jornalistas que se mostram alinhados a essa perspectiva ideológica, assim como os argumentos da guerra cultural e da retórica bolsonarista.

Dessa forma, a ideia é trabalhar com os dois caminhos metodológicos, de forma integrada, para dar suporte para o atingir dos objetivos da presente pesquisa e ampliar o debate sobre a comunicação política da nova direita brasileira.

3 LINHA DO TEMPO

No desenvolvimento desta análise, faz-se necessário fornecer uma breve linha do tempo, descrevendo algumas etapas importantes da consolidação da nova direita no ambiente político brasileiro. Após a apertada vitória de Dilma Rousseff (PT) no pleito presidencial de 2014, os grupos de oposição começaram a se aglutinar em manifestações de rua e nas redes sociais. O ano de 2015 teve, pelo menos, três grandes momentos de manifestações contra a presidente reeleita – nos dias 15 de março, 16 de agosto e 13 de dezembro, reunindo milhões de pessoas em todo o Brasil.

Os pontos em comum das manifestações mais visíveis, embora reunindo grupos heterogêneos, estavam no uso das roupas amarelas, alusivas à bandeira brasileira; as palavras “Deus”, “Pátria” e “Família”; o combate à corrupção; o pedido de *impeachment* da presidente Dilma; e a defesa do conservadorismo nos costumes e do liberalismo na economia. Dentro da retórica, houve várias críticas a perspectivas esquerdistas e as suas alianças com ditaduras na América do Sul e em outros continentes, e com o Foro de São Paulo. Esses aspectos se mostravam integralmente de acordo com a visão predominante dos movimentos identificados como a nova direita brasileira.

O Movimento Brasil Livre (MBL)¹ e o “Vem para Rua” passaram a ganhar repercussão a partir dos movimentos de 2013² e 2015, nesse contexto da mobilização da

¹ Algumas ideias do MBL, com o *homeschooling*, um perfil mais liberal na economia, a desburocratização dos serviços de saúde e o fim da reeleição estão no Portal do Movimento, disponível em <https://mbl.org.br/>. Acesso em: 20 jan.2021. O hoje deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP) é um dos integrantes históricos do MBL.

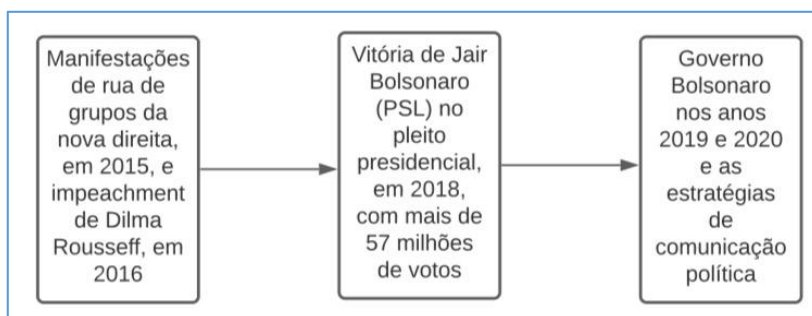
² As chamadas Jornadas de Junho de 2013 representaram uma série de manifestações populares e apartidárias ocorridas no período. Cerca de 500 cidades brasileiras registraram movimentos, que tiveram

nova direita, principalmente através das mídias sociais (DEMIER, 2016). Tais movimentos reúnem atores sociais que buscam algum tipo de afirmação ou transformação – no caso específico, de ideias alinhadas ideologicamente à direita – e usam as mídias sociais como forma de gerar uma dimensão mais rápida e eficiente de suas perspectivas (HJARVARD, 2012).

Em 2016, com várias pressões populares e mobilizações, principalmente no âmbito do Congresso Nacional, ocorreu o *impeachment* de Dilma Rousseff. O processo se iniciou em 2 de dezembro de 2015, pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB). Foi apresentada denúncia pelo procurador de justiça aposentado e um dos fundadores do PT, Hélio Bicudo, e pelos advogados Janaína Paschoal e Miguel Reale Júnior com a alegação de crime de responsabilidade cometido por Dilma Rousseff no exercício do seu mandato presidencial.

O processo de *impeachment* foi concluído em 31 de agosto de 2016, com aprovação no Senado Federal e a cassação do mandato de Dilma Rousseff e a assunção da presidência pelo então vice-presidente, Michel Temer (MDB). As acusações contra Dilma se relacionaram à lei de improbidade administrativa (lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992), além de suspeitas de atos de corrupção e formação de quadrilha.

Imagem 1: Linha do tempo da emergência política da nova direita no Brasil



Fonte: autoria própria

como pautas o aumento das tarifas de transportes coletivos (como em São Paulo-SP e Goiânia-GO), a falta de investimento em serviços públicos, os gastos excessivos com eventos esportivos (Copa das Confederações-2013, Copa do Mundo-2014 e Olimpíadas-2016), o funcionamento dos partidos políticos e a violência policial, entre outras. Algumas outras questões difusas foram incluídas no processo. Nas estratégias – e a nova direita brasileira já começa as primeiras manifestações nesse contexto –, emergiram assembleias populares, uso das mídias e das redes sociais, o ativismo digital, e, em alguns casos, ato de vandalismo, como incêndios de ônibus, pichações e conflitos liderados por *black blocks* (FERREIRA, 2019). Informações disponíveis em <http://hdl.handle.net/1843/30144>. Acesso em 10 jun.2021.

Ainda nessa trilha do tempo e no contexto da ascensão da nova direita, Jair Bolsonaro elegeu-se, em 2018, como se fosse “salvador da pátria”, com o sentimento de oposição “a tudo o que está aí”. O então deputado federal, após sete mandatos parlamentares consecutivos – emergiu com um discurso de que era contrário à chamada “velha política” já contaminada e desgastada, classificando-se como um *outsider*, com frases de efeito e alegorias usando imagens que acabaram convencendo a maior parte dos eleitores brasileiros no pleito presidencial.

4 REVISÃO DE LITERATURA E DISCUSSÃO CONCEITUAL

Nos marcos da discussão proposta, é necessário distinguir inicialmente o que pode ser chamado de novas direitas no caso brasileiro, sendo praticamente impossível chegar a pontos consensuais robustos sobre tal conceito. Inicialmente, cumpre esclarecer que há a direita liberal que aceita as regras do jogo democrático ou ao menos tenta conformar sua atuação neste sentido.

Usam-se aqui uma ampla discussão teórica, com perspectivas relevantes dentro da temática, dando suporte para os nossos principais argumentos, com a identificação da linha do tempo e das estratégias de comunicação política da nova direita. Observam-se, pois, os movimentos históricos e a ocupação dos espaços públicos por parte dos diferentes públicos que aderem a essa linha de pensamento.

Partindo de um pressuposto histórico, vejamos um pouco do cenário nacional. Da UDN de Afonso Arinos e Aliomar Baleeiro ao atual DEM – e, antes de ambos, ocorreu a campanha civilista de Rui Barbosa ainda na República Velha –, pode-se dizer que história republicana assinalou a presença de partidos e movimentos liberais em sua trajetória.

Curiosamente, essa direita liberal foi historicamente acusada de querer replicar equivocadamente no Brasil o modelo político norte-americano ou anglo-saxão. É a acusação que, por exemplo, se lançará contra o “marginalismo” de Rui Barbosa que defendia um liberalismo à moda inglesa, supostamente estranho à nossa tradição política:

Rui era – pelo seu “marginalismo” – um “desajustado”, como se diz hoje: os seus critérios julgadores eram os da moral política inglesa – e não os da moral política brasileira, tais como são sancionados e utilizados pelo nosso direito-costume. Nós – como já demonstramos – fomos educados, desde o período colonial, sob um regime de históricos abusos da autoridade e do poder onipotente: - e a preocupação de pretender corrigir estes abusos foi a razão, no Império, do longo equívoco e desentendimento entre D. Pedro II e os políticos. (VIANNA: 1999, 359).

E há, também, outra direita de conteúdo essencialmente iliberal, uma vez que pretende superar as instituições da democracia representativa do tipo liberal, forjando, por assim dizer, uma terceira via entre os modelos socialista e liberal-capitalista. Não é algo inteiramente novo nem tampouco autóctone, mas importado fundamentalmente dos movimentos radicais de direita europeus. Já nos anos 1980, era possível identificar claramente a presença desse componente autoritário no discurso dos partidos e movimentos neofascistas europeus:

Tendo em conta os fatores atrás enumerados, os chefes do neofascismo apresentam demagogicamente a sua doutrina como uma alternativa tanto ao capitalismo monopolista de Estado como ao socialismo, como uma terceira via de edificação de uma sociedade livre dos defeitos de ambos os sistemas. Esta ideia central, como já foi assinalado, está na base do seu programa de criação de uma sociedade na qual, dizem, desaparecerá a luta de classes, e o chamado Estado corporativo de todo o povo, de acordo com as afirmações dos teóricos do neofascismo, se tornará verdadeiramente supraclassista, nacional e, por isso, justo. (FILATOV e RIABOV: 1985, 38).

A ideologia de tais movimentos fascistas e neofascistas seguiu influenciando fortemente os líderes da extrema-direita europeia do tempo presente. Matteo Salvini, líder da Liga Norte, não se constrangeu, por exemplo, em remodelar a famosa sentença de Benito Mussolini *molti nemici, molto onore* (“muitos inimigos, muita honra”) para *tanti nimice, tanto onore!* (“tantos inimigos, tanta honra!”) (CLARKE: 2018, 1).

É necessário contextualizar, também, a questão do movimento de extrema-direita, presente no Brasil, mas muito mais forte em países como Itália, Alemanha e França. Há um claro movimento de retorno e um certo protagonismo em algumas discussões. De acordo com Mudde (2007) e Ignazi (2006), a extrema-direita pode ser visualizada a partir de quatro conceitos básicos, a saber: traços antidemocráticos (populismo e antipartidarismo, por exemplo); exclusivismo (racismo, xenofobia e chauvinismo); o tradicionalismo; e uma visão socioeconômica mais ligada ao corporativismo e ao controle social.

Os traços do radicalismo da extrema direita são reforçados pelo conservadorismo, pelo jogo de forças sociais e, se for o caso, até mesmo pela violência para manter os valores tradicionais (Mudde 2008; Ignazi, 2016).

Ainda nos anos 1980, o historiador Delcio Lima também deixou um relato interessante sobre a atuação, nem sempre às claras, de movimentos da direita radical no Brasil. O anticomunismo e o conservadorismo seriam os elementos constitutivos de

movimentos como a Tradição Família e Propriedade (TFP), grupos remanescentes da Ação Integralista Brasileira (AIB) e, ainda, da Escola Superior de Guerra (ESG):

A direita brasileira, assim, não passa de um ajuntamento de direitistas unidos por objetivos comuns, definidos e imediatos, com apoio de sentimentos anticomunistas generalizados no estamento militar e algum tempero doutrinário dos que se consideram ideólogos do sistema de poder. Sua maior sustentação, contudo, está na tendência natural ao conservadorismo, muito própria da gente brasileira, característica, aliás, que praticamente inviabiliza a confrontação esquerda-direita no País e, muito mais, uma luta de classes. (LIMA: 1980, 166).

A globalização da economia impulsionada pela tecnologia da informação, embora tenha gerado riqueza numa escala nunca vista antes na história, também eliminou, por outro lado, várias indústrias e atividades econômicas de baixo valor agregado, deixando milhões de trabalhadores desempregados. Esse contingente robusto de excluídos foi capturado pelo discurso dos novos movimentos de direita radical – a *alt-right*, acrônimo em língua inglesa para “direita alternativa” - que predicam contra a globalização e a democracia representativa liberal. Foi o apelo comunicativo que Donald Trump fez a esse eleitorado, cujo sentimento antiglobalização era muito forte, que lhe permitiu vencer a eleição de 2016. Naturalmente, o discurso *anti-establishment* se volta contra as elites supranacionais e seus representantes locais. Uma nova ordem social mundial precisaria, portanto, ser fundada em oposição tanto aos modelos plutocrático-liberais quanto aos remanescentes regimes estatistas-socialistas.

Nossa análise recai, portanto, sobre essa direita de conteúdo iliberal, militarista e marcadamente xenófoba, já que os imigrantes são apresentados como ameaça ao desenvolvimento econômico e à estabilidade e/ou manutenção das tradições de liberdade autóctones ou nacionais.

Do ponto de vista histórico, há uma referência inicial à chamada *New Right*, no período entre 1955 e 1964. Entre os apoiadores do movimento, as perspectivas anticomunistas, tradicionalistas, conservadoras e libertarianas (KALWASSER, 2014). Essa primeira versão dos movimentos da nova direita teve sua primeira visibilidade eleitoral na candidatura republicana à presidência norte-americana de Barry Goldwater, em 1964. Os ideais apregoados foram o da economia liberal clássica, o dos valores conservadores e do combate ao comunismo. Goldwater perdeu a eleição para o democrata Lyndon Johnson (KALWASSER, 2014; DEMIER, 2016; BERLANZA, 2017).



O chamado segundo período da nova direita pode ser identificado entre 1964 e 2014, com o foco em questões de soberania nacional, ultranacionalismo e em algumas questões sociais. Essa segunda fase deu suporte político e retórico para a campanha vitoriosa de Ronald Reagan, do Partido Republicano, nas eleições presidenciais norte-americanas de 1980. Movimentos paralelos aconteceram em alguns países europeus, como Grécia, Holanda e França. No Reino Unido, ideais conservadores se tornaram muito evidentes durante o governo da primeira-ministra Margaret Thatcher, entre 1979 e 1990 (KALWASSER, 2014; BERLANZA, 2017; MAITINO, 2018).

A partir de 2014, a expressão nova direita passou a identificar grupos de nacionalistas, liberais clássicos, libertarianos e conservadores, principalmente com a emergência e vitória de Donald Trump, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, já em 2016. Tal movimento, com influência em vários países da América Latina como o Brasil, fortaleceu discursos contrários a perspectivas progressistas, às conquistas sociais, à prevalência das perspectivas de esquerda nos ambientes universitários e ao globalismo (MAITINO, 2018).

A “velha direita”, mais associada outrora a princípios conservadores e às perspectivas neoliberais – e também ao nazifascismo da primeira metade do século XX –, vê uma ampliação de escopo na nova direita, com a emergência de outros grupos difusos, que usam estratégias mais ligadas às redes sociais, ao ciberativismo e ao resgate de questões como o ultranacionalismo e o próprio conservadorismo (GENTILE, 2018). Gentile (2018) elenca entre esses grupos difusos da nova direita os evangélicos pentecostais, os institutos liberais e o movimento que deu suporte e à vitória a Jair Bolsonaro nos anos anteriores ao pleito presidencial de 2018.

Podemos perceber que a mensagem da direita norte-americana *alt-right* reverberou fortemente no Brasil. Pode-se dizer, sem receio de incorrer em erro substantivo, que a extrema-direita brasileira orienta seu ideário e, portanto, seu discurso e suas ações mais em função da matriz norte-americana do que propriamente das tradições autoritárias e até reacionárias legadas pelo TFP, AIB, etc., embora estejam igualmente presentes no discurso oficial, mesmo que de forma matizada. Assim, Jair Bolsonaro, desde o início do mandato presidencial, procurou uma aproximação estreita com o governo Donald Trump tornando pública, sempre que pode, sua preferência política em favor do presidente norte-americano.

Para Chaloub e Perlatto (2016), os estudos e as compreensões da nova direita no Brasil avançaram a partir de algumas hipóteses, como o impacto mundial do fenômeno ideológico; o distanciamento cronológico do período ditatorial brasileiro (1964-1985) com a

então égide militar e de direita; a rápida expansão da guerra cultural com os recursos tecnológicos; a crise dos partidos tradicionais; o crescimento dos governos de esquerda no Brasil e seus eventuais fracassos; e um espaço propício para o pensamento liberal e/ou mais à direita.

Cepêda (2018) destaca, em sua discussão, uma percepção geral sobre a nova direita brasileira, com uma perspectiva econômica mais alinhada ao liberalismo econômico, uma visão que defende as instituições e a liberdade de expressão e com uma busca de um protagonismo político. São grupos diferentes com liberais, conservadores, neofascistas (integralistas), *alt-right*, monarquistas, intervencionistas e integrantes de uma direita mais radical.

É possível identificar que a Nova Direita, no Brasil, ascendeu de forma efetiva nos 2010 entre diversos grupos sociais, como nos meios acadêmicos e em manifestações de rua. De certa forma, pode se partir da hipótese primária de que esse incremento esteja ligado a um certo desencanto com os governos de esquerda e de centro-esquerda no país, com a sistematização de valores mais conservadores e de rompimento com o chamado “politicamente correto”.

A nova direita acaba congregando, pois, um conjunto de diferentes correntes políticas que chegou ao ápice com a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018, e que, dentro do governo federal, busca representatividade como uma elite política em formação. Cepêda (2018, p. 52) trabalha com a percepção de que “(...) se a nova direita saiu do armário é preciso lembrar que mesmo um único armário possui inúmeras prateleiras”, ressaltando, pois, o grau de heterogeneidade das forças que compõem essa nova forma de alinhamento ideológico.

Nesse contexto, ao identificar os eleitores de Bolsonaro, em 2018, a partir de mobilizações da nova direita, Nicolau (2020) mostrou a mobilização das forças econômicas, o voto das mulheres e dos evangélicos e as principais pautas bolsonaristas. O sentimento antipetista, o conservadorismo nos costumes e um certo liberalismo na economia, como unificadores da nova direita brasileira, também fortaleceram os processos que geraram a vitória de Bolsonaro e a “virada” do Brasil à direita (NICOLAU, 2020).

Para Berlanza (2017), o campo da direita ideológica junta elementos do liberalismo econômico aos valores tradicionais, trazendo uma combinação com uma aparente tensão – a liberdade de mercado, por um lado, e a predominância dos valores morais coletivos e conservadores, por outro.

Nessa ampliação do debate, discutem-se alguns pontos a respeito da ideologia e do discurso da nova direita, inclusive com a premissa do ódio diante dos opositores políticos. A ideologia e o discurso compõem uma estratégia de criar vinculações com a sociedade, não apenas dentro do âmbito político. Dentro dos diferentes grupos, fortalece-se uma tentativa de uma construção ideológica.

A ideologia se converte, pois, em um processo conjunto de ideias, representações, perspectivas teóricas e concepções para manter um cenário estabelecido e/ou fazer prevalecer uma outra realidade, um outro contexto que possa se sobrepor, de maneira sistêmica (LÖWY, 2008).

Seriam as variações de ideologias e utopias, como visões sociais do mundo. Para Löwy (2008), as visões ideológicas se assentam na consolidação do atual *status* social de um Estado e as leituras utópicas seriam uma proposta de rompimento com essa ordem político-ideológica, fortalecendo-se uma visão dialética do processo. Dentro das várias perspectivas ideológicas da nova direita brasileira, a despeito de um predomínio aparente do liberalismo econômico, há, em alguns grupos, uma mentalidade ainda mais intervencionista do Estado, com poderes políticos e econômicos.

O conservadorismo, de acordo com Scruton (2014, 2015, 2017), torna-se um antídoto ideológico para os pensamentos de esquerda, não apenas para reforçar aspectos sociais, mas também para associar as liberdades amplas do indivíduo. As preocupações sociais não podem ser entendidas como exclusividade da esquerda. Nas palavras de Leite (2020), o conceito de conservadorismo está muito bem explicado em dois trabalhos: “O Que é Conservadorismo” e “Como Ser um Conservador”. Assim, para o filósofo britânico, “conservadorismo consiste em herdar algo de bom, conservar a ordem e corrigir aquilo que é ruim. Vale dizer, somos herdeiros da civilização e temos por dever moral transmitir algo de bom para as gerações futuras. É a conservação dos valores que assegura a continuação da ordem social. Nesse sentido, o conservadorismo é, ainda nas palavras de Scruton (2014), uma ‘atitude perante a vida’”.

Ainda em uma discussão sobre as ideologias, Garschagen (2015) ressalta o quão essencial, no contexto do século XXI, conhecer melhor o pensamento conservador, redimensionando as funções de cada integrante da sociedade. Há um terreno no Brasil para a ampliação do pensamento conservador, com busca de alternativas diferentes das perspectivas do Estado e do descontentamento da população com a ideologia e com a política tradicionais – e com algumas experiências não tão bem-sucedidas da esquerda no país.

Scruton (2014) reforça a premissa ideológica, percebida na nova direita brasileira, de que cada cidadão está vinculado a suas particularidades e a determinadas contingências. Pode derivar dessa ideia uma certa visão ideológica de rejeição a qualquer plano do Estado que possa limitar a liberdade de escolha e dos direitos individuais.

Os discursos se tornam essenciais dentro desse contexto ideológico da nova direita brasileira. Maingueneau (2006) e Charaudeau (2011) reforçam o discurso como um ponto de polarização e de geração de significados para se atingirem determinados objetivos. De acordo com Brandão (2004), os discursos são os efeitos de sentidos construídos no processo de interlocução – e opondo-se à concepção de língua como mera transmissão de informação). O discurso de enfrentamento, até beligerante, algo que se percebe no governo de Jair Bolsonaro e nas ações do próprio presidente e de seus apoiadores, reforça um processo autoritário de consolidação de maneiras de se pensar pelos grupos dominantes.

Para Gallego (2018), “direitas”, “novas direitas”, “onda conservadora”, “fascismo”, “reacionarismo”, “neoconservadorismo” são perspectivas ideológicas, também discursivas, que reforçam o ódio como argumento e como um processo de enfrentamento político, de forma constante. Em relação a esse chamado discurso do ódio, este pode gerar o esquecimento das disputas internas dentro dos grupos de direita e tender a favorecer uma união em uma espécie de comunhão (GALLEGO, 2018). Para Brandão (2004), os discursos podem ser enquadrados como a exterioridade dos textos e das manifestações públicas e no reforço para os indivíduos. São recursos muito usados no contexto da retórica da nova direita do Brasil, com ações com efetivos significados e enquadramentos ideológicos.

As manifestações políticas com o viés conservador e com a defesa de valores como a religião, o patriotismo e as tradições familiares também são um dado importante para ser avaliado nesse contexto, tanto como conceito, quanto em um processo de articulação ideológica (ORTELLADO e SOLANO, 2016; TATAGIBA, TRINDADE e TEIXEIRA, 2015).

Os protestos de 2015, que tiveram um desenrolar importante nos anos seguintes, caracterizaram-se por uma pauta ampla, mas se solidificando, principalmente, a partir de um alinhamento ao discurso público da nova direita brasileira, com discussões sobre o papel do Estado, com o uso das cores nacionais (inclusive com a camisa da seleção brasileira de futebol), as vozes anticorrupção e a oposição ao Partido dos Trabalhadores, com gritos como “Fora Dilma”, “Fora PT” e “Fora corruptos”. Uma política de armamento civil da população também apareceu de maneira destacada (ORTELLADO e SOLANO, 2016; TATAGIBA, TRINDADE e TEIXEIRA, 2015).



Assim, no âmbito da definição dos discursos escolhidos no contexto dos diferentes grupos que compõe a nova direita no Brasil, o foco foi nas questões que uniram tendências heterogêneas – o antipetismo, o conservadorismo, o antiglobalismo, o ultranacionalismo e confronto permanente nas mídias e nas redes sociais.

É possível observar que a demanda religiosa, principalmente de cunho evangélico, também ficou clara nas manifestações, com expressões referentes aos valores familiares, às posturas dos “homens de bem” e de uma defesa ampliada do conservadorismo nos costumes, pauta importante da nova direita brasileira. A bancada evangélica, aliás, vem se ampliando no Congresso Nacional e, em geral, há esse alinhamento ideológico mais à direita (CASSOTTA, 2016).

Ainda dentro das estratégias de comunicação política da nova direita, é necessário trabalhar com a categoria conceitual do ativismo digital. Nessa perspectiva, há a ideia de influenciar coletivamente a agenda pública, buscando processos de convencimento dos diferentes públicos – no contexto político, os eleitores potenciais indo, portanto, além do contingente chamado de *core voters* (VILLELA, 2012; BRUGNAGO e CHAIA, 2015; SEGURADO, CHICARINO e MALINA, 2016). Aliás, de acordo com Ortellado e Solano (2015), está cada vez mais comum o nível de informação por meio de mídias sociais, em especial o *Facebook* e o *WhatsApp*.

Neste sentido, de acordo com Villela (2012) e Rigitano (2003), o ativismo digital – ou ciberativismo – pode ser considerado como o engajamento político através da internet, com participação nas decisões políticas e interferência na maneira de as pessoas pensarem. A nova direita tem utilizado muito o recurso do ativismo digital.

Os ativistas digitais ampliam suas ações tradicionais e fazem outras para se aproveitar da rapidez da rede *online* e atingir um número maior de pessoas para a expansão de suas ideias. Os movimentos sociais usam as plataformas digitais para divulgar suas atitudes e projetos, sem a necessidade do uso dos meios de comunicações tido como tradicionais – televisão, rádio e jornal impresso, entre outros (VILLELA, 2012; BRUGNAGO e CHAIA, 2015; RIGITANO, 2003). Nesse cenário, como destacam Villela (2012), Brugnago e Chaia (2015), e Rigitano (2003), as plataformas digitais podem permitir um ativismo que seja reforçado no ambiente tradicional, reforçando movimentos sociais, ideias, pautas específicas e a busca de uma agenda pública.

Entre os grupos que se mobilizam a favor da nova direita no país, além do “Movimento Brasil Livre (MBL)” e o “Vem para Rua”, há algum destaque para os “300 do Brasil”, que se apresentaram, em 2020, com um acampamento em Brasília contra a

corrupção e a esquerda³. A líder desse grupo é Sara Giromini, que se apresenta também como “Sara Winter”.

Dessa forma, a partir da operacionalização conceitual proposta, é possível avançar na questão da conformação da nova direita brasileira, entendendo os valores coincidentes entre os diferentes grupos, como isso interfere nos discursos e nas falas públicos e de que maneira essa ocupação de espaço político se consolida a partir de estratégias de comunicação e de ampliação de bases sociais e eleitorais no país. Há um desafio permanente, dessa forma, na aproximação dessa nova direita junto à opinião pública.

5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA A PARTIR DOS CONTEÚDOS APRESENTADOS PELA NOVA DIREITA

Dentro dos aspectos da comunicação política no fortalecimento da nova direita no Brasil, o primeiro ponto que precisa ser destacado é o do uso intenso das mídias e das redes sociais, em especial pela velocidade com a qual ideias são divulgadas e fortalecidas.

Em se tratando de análise da comunicação política, um dos mais relevantes ideólogos da nova direita brasileira talvez seja o diplomata Ernesto Araújo, atual Ministro das Relações Exteriores. No *blog Metapolítica 17 – Contra o Globalismo*, Araújo defende um ideário cujo conteúdo se aproxima das bandeiras sustentadas pela *alt-right*. No texto *Por um Reset Conservador-Liberal*, Araújo (2020: 1) descreve como duas grandes visões de mundo antagônicas estariam em “uma gigantesca batalha no mundo”.

De um lado, estariam “a grande mídia, o narco-socialismo (única forma de socialismo sobreviver no longo prazo), a corrupção, a bandidagem em geral (crime organizado)”, assim por diante (2020: 1-2). O catálogo de inimigos é tão extenso e variado que nos remete imediatamente ao supracitado moto fascista *molti nemici, molto onore*. Faz sentido para os adeptos do movimento: quando se é um cruzado disposto a salvar certa concepção de civilização ocidental, não importa o número de inimigos políticos nem tampouco em que campo ocorra a luta, mas a intensidade do combate e/ou dos ataques desferidos.

Araújo (2020) não considera que o globalismo econômico represente um triunfo, ainda que momentâneo e precário, do liberalismo em favor do livre comércio e circulação

³ O nome “300 do Brasil” tem sua inspiração no filme “300”, de Zack Snyder, em 2006. A película exhibe a luta de um exército de 300 espartanos, liderado pelo Rei Leônidas, contra 30 mil soldados persas liderado pelo rei Xerxes I. Informações disponíveis em <https://br.financas.yahoo.com/noticias/mil%C3%ADcia-armada-mp-pede-%C3%A0-215724300.html>. Acesso em: 20 jun.2021.

de pessoas – pedra de toque do pensamento de Adam Smith e de outros liberais -, mas o encara como tendo sido “capturado pelo marxismo, fenômeno que começou logo após o fim do bloco soviético e se intensificou a partir do ano 2020, embora seus impulsos tenham raízes milenares”. Sintomaticamente, Araújo não explica como a globalização foi capturada pelo marxismo se países que ainda se declaram marxistas mantêm suas economias e fronteiras fechadas como Cuba e Coreia do Norte, frustrando, assim, o ideal de livre circulação de mercadorias e pessoas.

Para se contrapor ao chamado globalismo marxista, Araújo (2020: 3-6) propõe um programa político que vai do “respeito à nação” à aliança entre liberais e conservadores (o necessário “reset” ideológico), devendo os primeiros estender a mão aos últimos porque “somente o conservador pode salvá-los das garras do marxismo”. Uma ideologia assim tão difusa traz inegavelmente a vantagem para quem a defende de mover-se de um lado para o outro com certa desenvoltura, já que suas fronteiras teóricas são bastante melífluas. Todavia, por outro lado, é forçoso reconhecer que seu conteúdo a aproxima perigosamente da ideologia defendida pelos movimentos neofascistas europeus, não somente da matriz *alt-right* norte-americana.

Conforme ressalta Silveira (2015), o aparecimento da nova direita na internet mobilizou outros meios de comunicação e o reforço das ideias, imagens e conteúdos, através de memes e posts nos diferentes canais de comunicação. O *Facebook*, em 2015, convertia-se como o espaço mais forte para os debates políticos e, também, para evidenciar a força da direita na desconstrução de outras ideias – como o pensamento de esquerda. Também cresceram ideias da nova direita, como a percepção de que a corrupção estava ligada ao governo de esquerda no Brasil, a visão de que as políticas de direitos humanos privilegiam criminosos e que políticas públicas beneficiariam apenas pessoas que não querem trabalhar (SILVEIRA, 2015).

Para Silveira (2015), a nova direita soube se apropriar da pauta pública e manipular o senso comum, passando a se conectar melhor e mais fortemente com parcelas da população e do eleitorado, a partir do compartilhamento de mensagens ideológicas. O antipetismo se fortaleceu e se evidenciou nos pleitos eleitorais de 2016 e 2018. Morgenstern (2015) corrobora a perspectiva, ressaltando a força da internet e das redes sociais para o crescimento do pensamento de direita no Brasil – e para o surgimento da nova direita. A produção e a difusão de conteúdos alinhados à nova direita também se ampliaram, nas diferentes plataformas, e indo ao encontro de forma mais rápida e efetiva na compreensão das preferências ideológicas dos eleitores (TELLES e STORNI, 2011).

No cenário da internet e a consolidação da nova direita, o segundo aspecto que emerge nessa análise é o dos jornalistas e produtores de conteúdo alinhados ao governo de Jair Bolsonaro (sem partido) e aos ideais conservadores. Um desses *blogs* no meio digital é o Terça Livre⁴, que tem como seu principal representante Allan dos Santos, com conteúdos audiovisuais na defesa das premissas direitistas. Outro comunicador que tem muito destaque – e também inserção nas mídias tradicionais, como rádio e TV – é o advogado Caio Coppolla, em seu canal⁵.

Outros dois nomes que têm grande repercussão nas plataformas online a favor da nova direita e do governo Bolsonaro são Flávio Morgenstern – em seu canal⁶ – e Oswaldo Eustáquio, com seu site⁷. A ex-jogadora de vôlei e Ana Paula Henkel, hoje radicada nos Estados Unidos, também se enquadra nesse grupo pelo alinhamento ideológico e tem o seu canal⁸.

O terceiro ponto que vem sendo muito observado, tanto nos meios de comunicação tradicionais quanto nos meios digitais, é o posicionamento assertivo de jornalistas que defendem os princípios da nova direita e que apoiam – de forma velada ou clara – o governo de Jair Bolsonaro. Normas legais e princípios morais pautam as falas públicas desses profissionais de comunicação, com o fomento ao direito à propriedade privada.

Nesse grupo, destaca-se o nome de Alexandre Garcia, que tem o seu canal no Youtube⁹, com quase dois milhões de seguidores até o final de 2020, e que integra a equipe da CNN Brasil como comentarista político, após ter deixado a Rede Globo – emissora na qual trabalhou por mais de 30 anos – após às eleições de 2018.

Outro nome é o do jornalista Luís Ernesto Lacombe, que chegou à Rede TV em 2020, após ser demitido da TV Globo e da TV Bandeirantes. Ele vem reforçando um discurso conservador e defendendo as ações do Governo Bolsonaro – e seu perfil no Instagram¹⁰, por exemplo, apresentava cerca de um milhão e 300 mil seguidores ao final de 2020. E o outro exemplo nesse processo é o de Guilherme Fiúza, com inserção na Rádio Jovem Pan, nos jornais “A Gazeta do Povo” (Curitiba-PR) e “O Globo” (Rio de Janeiro-RJ), Revista Oeste e em outros canais de comunicação. O jornalista tem uma atividade intensa

⁴ PORTAL TERÇA LIVRE (www.tercalivre.com.br). Site visitado apenas para referência ao canal de comunicação, sem avaliação de conteúdo neste artigo.

⁵ BOLETIM COPOLLA (<https://boletimcoppolla.com.br/>). Idem.

⁶ SENSO INCOMUM (<https://sensoincomum.org/author/fmorgen/>). Idem.

⁷ SITE DE OSWALDO EUSTÁQUIO (<https://oswaldoeustaquio.com.br/>). Idem.

⁸ YOUTUBE – ANA PAULA HENKEL (www.youtube.com/channel/UCWw3TkJCY-BwfHVf7gfXvUw). Idem.

⁹ YOUTUBE – ALEXANDRE GARCIA (www.youtube.com/channel/UCitie-To0pWGe5Qyk9SjWRA). Idem

¹⁰ PERFIL DE LUÍS ERNESTO LACOMBE NO INSTAGRAM (www.instagram.com/luis.lacombe/?hl=pt-br). Idem

em seus perfis no Instagram e no Twitter¹¹ e consegue conectar com o público da nova direita e, em sua grande maioria, eleitor e apoiador do governo Bolsonaro.

O quarto ponto reside na chamada guerra cultural (KREEFT, 2017) – mesclando aspectos retóricos que permeiam os recursos das mobilizações de massa e das mídias sociais, fortalecendo confrontos “híbridos” (KORYBKO, 2018). Nas perspectivas de Hirschman (1992), as ideologias pautam o debate político e os recursos de convencimento dos públicos, a partir da ação dos diferentes grupos e nos diversos espaços de atuação como a imprensa e o ambiente acadêmico. Raffestin (1993) fortalece essa ideia ao tratar da ocupação – ou territorialização do espaço –, através de diferentes ferramentas, como forma de afirmação social e o reforço dos discursos.

As guerras culturais (KREEFT, 2017) são relacionadas a determinados contextos espaciais e cronológicos, e também representam um processo de dominação política, considerando comportamentos e referências bibliográficas. Gera-se um contexto de enfrentamento mais permanente. Rocha (2020) destaca a militância bolsonarista no Brasil, que fomentam a guerra cultural, com três aspectos fundamentais: discurso revanchistas, a eliminação do inimigo interno (a esquerda ideológica) e o reforço da retórica do ódio.

Nesse sentido, como um fenômeno inerente à modernidade, a guerra cultural assegura um certo êxito do bolsonarismo reforça uma perspectiva de concepção de tempo e de prevalência de uma ideia que se busca dominante – algo que o governo bolsonarista busca impor com as ideias da nova direita (CASTRO ROCHA, 2020). Essa prática do confronto permanente usada pelo governo Bolsonaro é instrumento fundamental para manter os apoiadores da nova direita mobilizados e gera um incentivo para os apoiadores do presidente se manterem em um nível de enfrentamento com quaisquer opositores.

Por fim, nessa base argumentativa, usa-se a abordagem da retórica bolsonarista, com a construção da imagem de poder, a partir do uso da ferramenta metodológica da análise do discurso. Em geral, a análise do discurso foca no sentido obtido a partir do conteúdo do texto. Em uma perspectiva ampla, a Análise de Discurso traz vários caminhos de pesquisa para identificar os sentidos e objetivos nas ações de comunicação, inclusive com a possibilidade de percepção de relações hegemônicas.

Para Orlandi (2010), a Análise do Discurso tem como premissa a compreensão de como um conteúdo ou objetos produzem sentidos e significados. Como um processo de comunicação política, os discursos ganham esse mesmo grau de dimensão. E a construção

¹¹ PERFIL DE GUILHERME FIÚZA (https://twitter.com/GFiuza_Oficial). Idem.

da imagem política é tratada, geralmente, de forma intencional, como formas de gerar compreensões e conexões por parte do interlocutor, nos diferentes papéis de uma comunicação e de um discurso.

Assim, a guerra das redes sociais, travada pelo próprio presidente Bolsonaro e por seus apoiadores, em especial a partir de 2018, no ano da eleição geral, é um componente essencial da retórica de permanente conflito e de prevalência de uma visão ideológica e social do mundo.

Quadro 1: Resumo dos processos de comunicação da nova direita e do governo Bolsonaro

Canais e Comunicação Política	Análise do Discurso e Intencionalidades	Conexão com o Eleitor
Redes Sociais e Mídias Sociais	Uso de memes, falas conservadores e convencimento do público da nova direita	Sim
Blogueiros	Uso da linguagem da internet e da produção de conteúdo audiovisual que gere engajamento	Sim
Jornalistas alinhados à nova direita	Argumento de autoridade a partir do espaço ocupado pelos jornalistas e discussões mais amplas	Sim
Guerra Cultural	A guerra cultural é um dos eixos do governo bolsonarista, a partir do fortalecimento das ideias da nova direita em detrimento de visões progressistas e mais à esquerda	Sim
Retórica Bolsonarista	Conflitos, guerra cultural, agenda de costumes, armamento civil, antipetismo, virulência e uma forma de manter os apoiadores sempre em alerta	Sim

Fonte: autoria própria

Dessa forma, é possível afirmar que a retórica bolsonarista se pauta, em alinhamento com a nova direita brasileira, pelo discurso armamentista – com o direito de porte de arma aos “homens de bem” –, pelo anti-esquerdismo, pela abordagem religiosa (predominantemente evangélica), pelo conservadorismo nos costumes e, eventualmente, por um maior liberalismo na economia – embora o presidente da República tenha uma certa predileção pelo intervencionismo estatal.

6 CONCLUSÕES

No presente trabalho, que integra parte de uma pesquisa que está em andamento, é possível estabelecer algumas conclusões preliminares a partir dos fatos, dados e elementos já aqui dispostos.

Um primeiro dado conclusivo é a afirmação da nova direita no Brasil, que, de forma ampla, vem ocupando espaço nos ambientes políticos e ampliando sua representatividade, em especial a partir de 2015 – e chegando ao auge com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República em 2018. Os dois primeiros anos do governo Bolsonaro, entre 2019 e 2020, reforçam o crescimento dessa nova geração de pensadores e militantes da direita ideológica no país.

Um segundo ponto, que já vem sendo tratado de forma específica pela literatura em Ciência Política, é a heterogeneidade dos vários grupos que compõem a nova direita brasileira com conservadores, neoconservadores, liberais, militares, evangélicos e com defensores e representantes de vários outros segmentos.

No terceiro cenário, em que se avalia a comunicação política, o fortalecimento da retórica bolsonarista, com constantes conflitos e com palavras-chave, dão à nova direita um importante espaço de legitimidade. Ao mesmo tempo, com o ativismo digital, com o discurso de ódio e com o fortalecimento dos canais apoiadores da nova direita nas mídias e nas redes sociais, há uma série de ideias e comportamentos que vão consolidando uma conexão com o eleitor – algo já visto nos pleitos de 2016 e, principalmente, de 2018.

No quarto segmento de análise, percebe-se esse crescimento dos canais da *new right* no país, reforçando os laços com o eleitor, notadamente o *core voter*, e corroborando para a formação de outras perspectivas de alinhamento político-ideológico no país.

Por fim, é possível afirmar que a nova direita brasileira, ao chegar ao apogeu no governo Bolsonaro, precisará avaliar, dentro das suas diferenças internas, quais os próximos passos a serem seguidos. Para além do alinhamento a determinadas agremiações partidárias, as várias formas de representação da nova direita tendem a buscar, nos eixos discursivo, teórico e intelectual chaves para continuar ampliando sua representatividade na sociedade brasileira.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ernesto. **Por um Reset Conservador-Liberal**. Disponível em: www.metapoliticabrasil.com/post/por-um-reset-conservador-liberal. Acesso em: 4 mar.2021.
- BABIRESKI, Flávia. Pequenos partidos de direita no Brasil: uma análise dos seus posicionamentos políticos. **Newsletter. Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil**, 3(6), 2016. pp. 1-16.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2016.
- BERLANZA, Lucas. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. São Paulo: Resistência Cultural, 2017.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BRUGNAGO, Fabricio; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, 7(21), 2015. pp. 99-129.
- CASSOTTA, Priscilla. Uma análise do comportamento dos deputados evangélicos no Legislativo brasileiro. **E-Legis**, 9 (20), 2016. pp. 75-101.
- CASTRO ROCHA, João Cezar. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Caminhos, 2020.
- CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, 72, 2016. pp. 24-41. Disponível em <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/72.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CLARKE, Hilary. **Italy's Salvini Channels Mussolini in tweet on late dictator's birthday**. Disponível no sitio: [www.https://edition.cnn.com/2018/07/30/europe/salvini-mussolini-italy-intl/index.html](https://edition.cnn.com/2018/07/30/europe/salvini-mussolini-italy-intl/index.html). Acesso em: 4 mar.2021.
- CODATO, Adriano; BOLOGNESI; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In S. V. e Cruz, A. Kaysel e G. Cudas (eds.), **Direita, Volver! O Retorno da Direita e o Ciclo Político Brasileiro**, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 115-143.

DALRYMPLE, Theodore. **Nossa cultura... Ou o que restou dela**: 26 ensaios sobre a degradação dos valores. São Paulo: É Realizações, 2015.

DEMIER, Felipe. A revolta a favor da ordem: a ofensiva da oposição de direita. In: Demier, Felipe; Hoeveler, Rejane (org.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, pag. 51-57.

FERREIRA, Túlio. **A produção do espaço de insurgência: as jornadas de junho 2013**. Dissertação apresentada ao PPG em Geografia da UFMG. Departamento de Geografia, Instituto de Geociências. Belo Horizonte, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/30144>. Acesso em: 10 jun.2021.

FILATOV, Mikhail e RIABOV, Alexandre. **O fascismo dos anos oitenta**. Lisboa: Edições Avante, 1985.

GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

GARSCHAGEN, Bruno. **Pare de acreditar no governo**: por que os brasileiros não confiam nos políticos e amam o Estado. São Paulo: Record, 2015.

GENTILE, Fabio. A direita brasileira em perspectiva histórica. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.25.1, 2018, p.92-110

HAYEK, Friedrich. **O caminho para a servidão**. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência**: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, vol. 5, núm. 2, enero-junio, 2012.

IGNAZI, Piero. **Extreme Right Parties in Western Europe**. Oxford University Press, Oxford, 2006.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **La derecha en América Latina y su lucha contra la adversidad**. **Nueva Sociedad**, n.254, p. 34-45, 2014.

KREEFT, Peter. **Como vencer a guerra cultural**: um plano de batalha cristão para uma sociedade em crise. Campinas: Ecclesiae, 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEITE, Breno Rodrigo de Messias. Roger Scruton e o Brasil. **Jornal do Commercio**. Disponível em: <https://www.jcam.com.br/noticias/roger-scruton-e-o-brasil/>. Acesso em: 6 mar.2021.

- LIMA, Delcio. **Os Senhores da Direita**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1980.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2008.
- MAITINO, Martin Egon. 2018. “Direita, Sem vergonha’: Conformações No Campo Da Direita No Brasil a Partir Do Discurso De Jair Bolsonaro”. **Plural** 25 (1):111-34
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel; POWER, Timothy. **Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo**: quais são, o que defendem, quais são suas bases. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- MARIANO CARVALHO, Yuri. Do velho ao novo: a revisão de literatura como método de fazer ciência. **Revista Thema**. 16(4), 2020, p. 913-928.
- MISES, Ludwig Von. **A mentalidade anticapitalista**. 6. Ed. São Paulo: Vide Editorial, 2013.
- MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge, 2007.
- ‘MILÍCIA ARMADA’: JUSTIÇA NEGA PEDIDO DO MP PARA PROIBIR ACAMPAMENTO BOLSONARISTA. Portal Yahoo Finanças, 2020. Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/mil%C3%ADcia-armada-mp-pede-%C3%A0-215724300.html>. Acesso em: 20 jan.2021.
- MORGENSTERN, Flavio. **Por Trás da Máscara**: do Passe Livre aos Black Blocs, as Manifestações. São Paulo: Record, 2015.
- NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Zahar: Rio de Janeiro, 2020.
- NYQUIST, Jeffrey. **O tolo e seu inimigo**: contribuição para uma metafísica do mal. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 9ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu Abramo**, 7(11), 2016. pp. 169-180.
- PORTAL DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE. Disponível em <https://mbl.org.br/>. Acesso em: 20 jan.2021.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- ROBERTO SPINA, P. Grupos políticos de direita e a participação nas eleições de 2018. **Agenda Política**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 287–312, 2021.

RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. Redes e ciberativismo. **I Seminário Interno do grupo de Pesquisa em Cibercidades**. FACOM-UFBA. Outubro de 2003. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana; MALINA, Pedro. A polarização política brasileira analisada através do monitoramento de rede focado nos perfis do MBL e da CUT no Twitter. Anais do XL Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, S. V.; CODAS, G; KAYSEL, A. **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SCRUTON, Roger. **Pensadores da nova esquerda**. São Paulo: É Realizações, 2014.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCRUTON, Roger. **A alma do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TAROUCO, Gabriela; MADEIRA, Rafael. Esquerda e direita no sistema partidário brasileiro: análise de conteúdo de documentos programáticos. **Revista Debates**, 7(2), 2013. pp. 93-114.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In S. V. e Cruz, A. Kaysel, G. Codas (eds.), **Direita, Volver!** O Retorno da Direita e o Ciclo Político Brasileiro, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. pp. 197-212.

TELLES, Helcimara; STORNI, Tiago. Ideologia e valores: o voto dos eleitores de direita e de esquerda. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, 1(1), 2011. pp. 87-146.

VIANNA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. Brasília: Editorial do Senado Federal, 1999.

VILLELA, Marina Cruz Vieira. **Ativismo digital**. Um estudo sobre blogs ativistas [tese]. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

VOSGERAU, Dilmeire; ROMANOVSKI, Joana. Estudos de Revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, 2014. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em 30 mai. 2021.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

AS NOVAS DIREITAS NO BRASIL E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS MÍDIAS SOCIAIS

André Silva de Oliveira

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

bandarraportugal@ig.com.br


<https://orcid.org/0000-0002-8918-2845>



Breno Rodrigo de Messias Leite

Professor do curso de Relações Internacionais da Faculdade La Salle (AM). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA).


breno-rodrigo@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8341-633X>

Rodolfo Silva Marques

Professor-doutor, de cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu* da Universidade da Amazônia (UNAMA) e de cursos de graduação da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

rodolfo.smarques@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 31 de dezembro de 2020

Aprovado em: 5 de setembro de 2021

